



A VOZ DO OUVINTE: O RÁDIO COMO DISPOSITIVO DE EMPODERAMENTO E CIDADANIA

Daniela Quevedo ¹

RESUMO: Este artigo é um relato de caso sobre a experiência em Radiojornalismo desenvolvido de 2005 a 2008, no NECS/Programa Municipal DST/AIDS de Campinas, bem como a circunscrição e discussão particularizadas do método aplicado a cada um dos projetos desenvolvidos, que consistia em envolver as pessoas as quais a programação era destinada na produção dos próprios programas, dando voz aqueles que seriam em quaisquer veículos de comunicação tradicionais, meramente ouvintes.

PALAVRAS-CHAVE: *Rádio; Jornalismo; Comunicação Popular; Prevenção; Saúde; DST/AIDS.*

¹ Jornalista e Radialista formada pela PUC Campinas e especialista em Comunicação em Saúde.

Introdução

“O futuro será dos amadores, isto é, daqueles que amam o que fazem” (Erik Satie)

O NeCS – Núcleo de Educação e Comunicação Social do Programa Municipal DST/AIDS de Campinas foi criado em 2005 sob a coordenação da Psicóloga Sanitarista Elizabete Gonçalves Zusa. A equipe era composta por Rosilene Slavieiro (Psicóloga), Adriane Pianoviski (Enfermeira Sanitarista), Shirley de Souza (Psicóloga e Aconselhadora do CTA – Centro de Testagem e Aconselhamento) e Daniela Quevedo (Radialista e Jornalista), Elci Roveratto (atriz), Almir da Silva Pinheiro (Grafiteiro e Arte Educador), Ana Cristina Vangrelino (Psicóloga), Nilva Ferreira Pereira (Médica Sexologista), Rosalice Castro (Enfermeira Sanitarista), Isabela Venturi (Secretaria), Tiago Duque (Sociólogo).

O objetivo do NECS era desenvolver ações de prevenção às DST/AIDS de maneira singular e regular realizando ações que envolvessem as comunidades mais vulneráveis e os meios de comunicação, elaborando projetos de educação e comunicação utilizando como ferramenta a “educação entre pares”. A idéia era empoderar esses segmentos mais vulneráveis como resposta à crescente epidemia de AIDS e propagação das DSTs. O termo empoderar, usado pela coordenadoria do NECS, sinteticamente designa o saber assimilado pelas pessoas em relação aos seus direitos e deveres de cidadão.

Este texto é um relato de caso sobre a experiência em Radiojornalismo vivenciada pela radialista e jornalista Daniela Quevedo nos anos de 2005 a 2008 em sua inserção na equipe multidisciplinar do NECS/Programa Municipal DST/AIDS de Campinas. Esta equipe tinha como pauta a elaboração, discussão, implementação e prestação de contas sobre ações de prevenção junto a populações de mais vulneráveis a infecção pelo HIV e AIDS no município de Campinas. Neste relato o método usado pela equipe é particularizado, bem como sua aplicação nos projetos desenvolvidos, que consistia em envolver as pessoas, às quais a programação era destinada, na produção dos próprios programas, dando voz aqueles que seriam em quaisquer veículos de comunicação tracionais, meramente ouvintes. Segundo Nilda Jacks, é necessário

reconhecer os receptores como sujeitos do processo e da própria pesquisa, sendo estes capazes de produzir sentido (ORTRIWANO, 1998).

AIDS, Comunicação e rádio

O perfil epidemiológico da Aids no Brasil e no mundo mudou desde o começo da epidemia. As novas demandas que vêm sendo colocadas em relação às abordagens preventivas e assistenciais devem, ao contrário do passado, quando apenas alguns grupos eram identificados como sendo de risco para contrair o HIV, atender aos contextos relacionados à vulnerabilidade, que se referem a um conjunto de fatores (objetivos e subjetivos) que levam as pessoas em geral a contrair o vírus. Neste âmbito, são considerados mais vulneráveis as mulheres, de baixa renda e escolaridade, em idade reprodutiva e de comportamento heterossexual e os jovens. Nesta perspectiva, os fatores de risco estão diretamente relacionados à pobreza, à violência, à baixa escolaridade, à desigualdade de gênero, à falta de acesso aos serviços de saúde, entre outros.

Levando em conta essa realidade, pode-se dizer que a prevenção esta relacionada não apenas a proliferação de informações abrangentes, geralmente transmitidas em campanhas nacionais veiculadas nas mídias de massa, com foco principal no uso da camisinha, mas em projetos específicos que abordam as reflexões mais profundas sobre o comportamento de populações e grupos sociais mais vulneráveis e o empoderamento dos mesmos.

Partindo desse pressuposto e avaliando os mecanismos de comunicação gerados para conter a epidemia, verificou-se o papel fundamental exercido pelo Rádio, levando em conta não somente a penetração, ou melhor, a abrangência que possui, mas todas as características intrínsecas desse veículo, como o fato de utilizar a *linguagem oral*, ou seja, não é necessário que o ouvinte seja alfabetizado para receber as informações; *mobilidade do receptor e emissor*, pois o rádio não é apenas ágil na transmissão das mensagens, mas também pode ser ouvido em qualquer lugar; *baixo custo*, não somente para transmitir, mas para produzir programas, pois, principalmente na atualidade, os softwares de captação e edição de áudio são bastante acessíveis; *imediatismo*, a mensagem pode ser transmitida ao vivo; *sensorialidade*, é possível ao ouvinte se

envolver, participar daquilo que escuta por meio de um “diálogo mental” com o emissor; *autonomia*, o ouvinte pode levar o rádio para qualquer lugar, transformando-o em um veículo individual ou coletivo, gerenciado pelo desejo do receptor e por esse motivo o emissor pode falar para todos como se estivesse falando para um particular (ORTRIWANO, 1985).

Por conseguinte, as razões da escolha pela utilização do rádio não passam apenas pelas questões que envolvem as tecnologias da informação. É necessário dizer do seu papel político e social. Segundo Bertolt Brecht

(...) o rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável da vida pública, construiria um fantástico sistema de canalização, se fosse capaz de, não apenas emitir, mas também de receber. O ouvinte não deveria apenas ouvir, mas falar. (...) A radiodifusão deveria afastar-se das fontes oficiais de abastecimento e transformar os ouvintes nos grandes abastecedores (ORTRIWANO, 1998: 13).

Estes preceitos viriam ao encontro da proposta que estava sendo implementada pelo NECS, que definiu como princípio trabalhar educação e comunicação segundo a proposta de educação entre pares.

A denominação “Educação entre pares” deriva do Inglês - peer education – e se refere à metodologia de ensino segundo a qual as pessoas de um mesmo grupo fazem parte da construção de um determinado conhecimento, recebendo informações, refletindo e empoderando-se de conceitos discutidos a fim de multiplicar esses conhecimentos a outras pessoas as quais possuem a mesma linguagem e identidade cultural. A idéia é que a utilização de uma mesma linguagem entre emissor e receptor facilite o fluxo de informação permitindo melhor troca de conhecimentos (Relatório de Avaliação PAF Mídia – Capacitação Jovens Radialistas, UNAIDS, Fundo de Populações de Nações Unidas/Brasil).

No entanto, Elizabete G. Zuza, coordenadora do NECS, afirma que o trabalho realizado pela equipe ia além da educação entre pares:

Nossa experiência no NECS era muito híbrida e pretendeu cruzar o que sabíamos sobre educação com uma certa radicalidade em termos do que concebíamos como comunicação, que era de fato legitimar nos processos de produção de saúde, a linguagem, os modos de existências e neste caso, os diferentes modos de comunicação do grupo com os quais trabalhávamos. Isso vai além da educação entre pares. Outra questão a ser considerada para a decisão de lidar com a comunicação foi também a tentativa de escapar do que comumente se chama de razão institucional, que não nos

aproxima, enquanto profissionais da saúde, das pessoas as quais dirigimos nossos saberes e práticas. Compreendo que a linguagem é uma prática social e, portanto construída coletivamente, e neste caso, os sentidos do que se comunica ganha potência também quando produzidos entre as pessoas para as quais o que está em questão tem valor de uso (Zuza, 2010).

Oficina para radialistas - No ar um tema para reflexão: a AIDS

A ideia da “Oficina para Radialistas” foi oferecer aos radialistas de rádios comunitárias e as pessoas interessadas em trabalhar com esse veículo, capacitação operacional para produção de conteúdo geral e também focalizado na epidemia da AIDS, além de construir parcerias para divulgação de informações sobre DSTs e AIDS e seu contexto através da linguagem própria de cada comunidade. Para tanto foram determinadas as seguintes diretrizes:

- Apropriar os participantes acerca das informações sobre DST-AIDS e seu contexto;
- Favorecer a aproximação deste público com o Centro de Referência em DST/AIDS (local de atendimento aos usuários onde há CTA, Laboratório de Coleta de Exames, Consultórios Médicos e Odontológico, Hospital Dia, Programa de Redução de Danos, Dot, NECS, entre outros);
- Ampliar o repertório técnico e teórico sobre Radiojornalismo e Rádio de Entretenimento;
- Trabalhar o processo criativo para a construção da programação radiofônica seguindo o conceito de educação entre pares;
- Produzir material radiofônico sobre o tema DST/AIDS, para ser veiculado na programação das rádios comunitárias;
- Criar espaço de trocas de saberes e práticas entre os radialistas e afins;

A “Oficina Para Radialistas” ocorreu nos dias 24 de junho, 8 e 15 de julho de 2006, das 9h às 17h. Participaram profissionais da área da saúde e de rádio. Foram 19 radialistas de Campinas, com idades variadas entre 17 a 50 anos, das seguintes rádios: Rádio Eloy (Jardim Monte Cristo e Parque Osiel), Rádio Top FM (Campos Elísios), Rádio Stúdio FM (Jardim São José e Jardim das Bandeiras), Rádio Festa FM (Jardim Paranapanema), Rádio Tropical (Distrito de Souza), Rádio Amarais FM (Santa

Mônica e São Marcos) e Rádio Aliança FM (Jardim Aeroporto). Também houve 4 participantes da rádio Rainha do Sol FM, da cidade de Indaiatuba. Durante a oficina os participantes realizaram textos para roteiros de programas jornalísticos e de entretenimento, notas sobre vários assuntos (AIDS, cultura, prestação de serviço, entre outras), spots institucionais e programetes (*CD – fx 1 – spot DST/AIDS*).

Para finalizar este trabalho foi realizado uma análise sob os referenciais teórico-metodológicos da Análise Institucional. As considerações feitas partiram de conceitos que classificam as instituições (conceito aqui aplicado as Rádios Comerciais) como formas sociais estabelecidas ou processos pelos quais a sociedade se organiza. Dessa maneira, as instituições procuram se apresentar como garantia do estabelecimento e manutenção da ordem social, suas regras, normas, convenções e funcionamentos.

Há uma certa correlação, portanto, entre instituição e manutenção do poder, seja econômico ou social. A crítica a um suposto caráter imutável das instituições se dá no corpo teórico do movimento institucionalista (Hess, R. & Savoye, A., 1993). No entanto Castoriadis (1965, apud Hess, R. & Savoye, A., 1993) acrescenta que a instituição deve ser entendida como processo dialético, ou seja, como movimento entre dois pólos, o instituído (Rádios Comerciais) e o instituinte (rádios Comunitárias). O resultado deste enfrentamento é a institucionalização, embora exista sempre dentro deste jogo de forças a possibilidade de mudança.

Dentro desta abordagem, não se trata de entender apenas a existência de um conflito e sua resultante, de uma em relação à outra, como se estivessem partindo de lugares fixos. O instituinte é contra-institucional e ao mesmo tempo deriva do instituído, rompendo-o. É a própria noção de sociedade que está em jogo: “(...) A auto-alteração perpétua da sociedade é seu ser mesmo, que se manifesta pela posição de formas-figuras relativamente fixas e estáveis e por explosão destas formas-figuras que não podem ser senão posição-criação de outras formas-figuras” (Hess, R. & Savoye, A. 1993).

Aproximando-os dos objetos de discussão abordados neste texto, pode-se dizer que as rádios comerciais são instituições e que as rádios comunitárias se apresentam como instituintes, pois, nasceram, se regulam, estabelecem e foram classificadas pelo conjunto de normas garantidoras da legalidade social das instituições como “piratas”,

termo este que pareceu bastante rico de significação, já que por definição (Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa) pirata quer dizer ladrão, malandro, conquistador, evocando sempre a idéia de apropriação indébita de algo, ou seja, de negação ao que é de direito do outro ou de um grupo. Embora essa negação pareça ser ilegal, a pirataria, neste caso, questiona os fundamentos das práticas institucionais, já que historicamente adquire bens de outrem para um uso diferencial.

No que diz respeito às rádios comunitárias, é possível dizer que o adjetivo “piratas” tangencia a inserção comunitária dessas rádios, que não é, em si, o objeto de contestação legal. Para o instituído “Rádio Pirata” é a rádio que presta serviço à comunidade, e que se opõe à “Rádio Comercial”, fazedora de lucro e esta sim aparada pela legislação. No entanto, o princípio de falsificação adquire neste caso, para os instituintes (rádios comerciais) um caráter inverso ao que afirma o texto de Authier & Hess (1994) que

(...) propõe redefinir o conceito de instituinte e instituído: o instituinte é aquele que desenvolve uma lógica de verdade com relação a este momento de fundação da instituição. Quanto ao instituído, é aquele que desenvolve uma lógica de falsificação, de dissimulação e de desvio do espírito fundador da instituição (Moura, 2003: 36).

Arlindo Machado cita Jean Baudrillard e sua definição de poder segundo algumas comunidades ditas primitivas:

(...) o poder esta com aquele que pode dar e a quem não se pode restituir. Dar e fazê-lo de tal forma que isso não lhe possa ser restituído significa romper com a troca em seu favor e instituir o monopólio. Restituir, pelo contrario, é romper essa relação de poder e instituir, sobre a base de uma reciprocidade antagônica, o circuito de troca simbólica (MACHADO, 1986: 32).

Embora seja possível dizer que haja esse contexto instituinte delegado às rádios comunitárias, há, por outro lado, uma grande dificuldade de seus idealizadores (Radialistas Comunitários) em transformarem-se em sujeitos e fazerem-se ouvir. E neste contexto há várias implicações. A análise feita por meio da observação, perguntas e troca de informações nos dias da “Oficina Para Radialistas”, mostra que a maioria das rádios comunitárias participantes nasceu de um determinado grupo social ou político, que sugere implicações diversas, ora com partidos, ora com a comunidade.

É evidente que essas rádios sempre procuraram ser ouvidas e reconhecidas em seu valor social. Entretanto, há uma voz e uma ideologia em questão nesta história que se perde ou se dilui devido às diferentes implicações dos grupos, mas que também se reformula e se reescreve. Pode-se notar uma oscilação do modelo e dos projetos dessas rádios ora entre propostas que se aproximam mais dos modelos convencionais, ora de um projeto separado destas figuras e atento às particularidades locais.

Por conseguinte observa-se que os radialistas comunitários, apesar de terem posicionamento político-ideológico definido, não possuíam conhecimento técnico para sua aplicação prática. Exemplo disso é a programação da maioria das rádios comunitárias que participaram da Oficina. Embora com um discurso político engajado à causa da democratização dos veículos de comunicação, os radialistas acabavam por retransmitir aquilo que escutavam das rádios convencionais, seja no formato das vinhetas, spots e programas, seja no estilo das músicas. Apesar de estarem cientes de seus papéis sociais e comunitários, nenhum dos radialistas presentes apresentaram um diferencial prático mais próximo do próprio discurso político.

Uma questão que se colocou então para a Oficina foi a de como utilizar esta mídia e otimizar o instrumental ideológico com aparato mais técnico, e ainda como fazer isso sem sobrepor formação técnica ao poder instituinte. Na verdade, a idéia partiu dos próprios participantes: montar uma outra oficina, sendo ela mais técnica. Essa demanda demonstrou, por fim, que a Oficina serviu não apenas para a contextualização da própria prática dos radialistas participantes, mas para a percepção da necessidade outrora inexistente, já que aparentemente o que estava, até as discussões do grupo, servindo como uma programação ideal, passou a ser algo questionável.

As reflexões acerca de suas atuações enquanto radialistas comunitários proporcionaram ainda uma maior aceitação do material disponibilizado pelo NECS (Spots, programetes, boletim jornalístico, etc.), que continuou em contato com essas rádios mais um ano. Em 2006 houve uma grande operação da Anatel em Campinas, e todas as rádios parceiras do Programa Municipal DST/AIDS de Campinas foram fechadas, algumas porque os dirigentes foram presos e os equipamentos apreendidos, outras por que seus integrantes tiveram medo de trabalhar. A alternativa para

veiculação do material produzido era uma parceria com a Rádio Educativa de Campinas. Mas só houve acordo para a transmissão de spots.

Na panela – mais saúde, mas sabor para o seu dia!

A idéia dessa produção ocorreu da demanda de um dos mais antigos usuários do CR – Centro de Referência do Programa Municipal DST/AIDS. Segundo ele, não haveria como uma pessoa que vive com HIV/AIDS ter uma boa qualidade de vida sem uma alimentação saudável. Mas como oferecer isso as pessoas? A conclusão foi tirada de um grupo de 6 usuários, entre eles uma nutricionista, que decidiam montar um programa de rádio que falasse da importância dos alimentos e transmitisse receitas fáceis, possíveis de serem entendidas pela rádio. Nasceu o “Na Panela”.

Durante o ano de 2006 foram gravados 36 programas com aproximadamente 12 minutos de duração cada, e distribuídos em CD, semanalmente às rádios comunitárias parceiras, que os veiculavam 3 vezes por semana em horários distintos. Um conselho editorial foi criado com a participação dos usuários. O grupo variava em número (dependia muito do estado de saúde dos usuários do CR) e eram eles que decidiam a pauta e escolhiam a receita. Os facilitadores do projeto eram os nutricionistas Nacle Nabac e Edna Rodrigues e a radialista e jornalista Daniela Quevedo. O formato do programa era simples: um abre com a apresentação do tema, música, spot e o nutricionista falando sobre a importância de cada alimento. No final do programa, aquele que tinha sugerido a receita a lia e explicava como fazê-la. Vários assuntos foram apresentados, entre eles, alimentos funcionais, alimentação saudável para crianças, como realizar uma boa compra, ou mesmo um cardápio de influência indígena, na semana em comemoração ao dia do Índio. Também eram veiculadas entrevistas com especialistas e público em geral, que eram convidados a trazer receitas e ensinar seu preparo (*CD – fx 2 e 3 – Na Panela*).

A gravação dos programas eram realizadas em consultórios médicos, sala de espera e pátios dos serviços de saúde por meio de um “estúdio portátil” (um notebook e microfone condenser ligados a uma interface Stemberg/CuBase, onde era possível captar, gravar e editar o áudio). O conceito usado era dar mais importância ao conteúdo do que a qualidade do som. A idéia seguiu o caráter de produção das rádios livres que

(...) reinventam os sistemas das mídias, desconstruindo a pragmática que nos é imposta de cima, verticalmente, já a partir da concepção da tecnologia. Ao mesmo tempo, reintegra-o de forma sadia na vida da comunidade, para que ele (o rádio) seja instrumento da criatividade coletiva e não prisão do imaginário (MACHADO, 1986: 33).

O conselho editorial concordou que o programa não veiculasse informações sobre prevenção as DST e Aids de maneira direta, mas apenas por spots institucionais que eram transmitidos entre cada bloco. A idéia era não estigmatizar a produção como um programa de AIDS e atingir um publico mais amplo. Para o NECS as produções do “Na Panela” ganharam um sentido ainda maior

(...) a partir desse enfoque, as noções de cultura e de comunicação foram aproximadas, “resultando nas mediações como objeto de estudo; a escolha do cotidiano como espaço tempo de análise; o reconhecimento dos receptores populares como sujeitos capazes de produção de sentido (ORTRIWANO, 1998: 22).

Spots Institucionais

Juntamente com a distribuição dos programas “Na Panela” o NECS passou a disponibilizar aos radialistas comunitários estrutura técnica e operacional para a produção das demandas de cada veículo, sempre utilizando o “estúdio portátil”. A solicitação das Rádios foi a elaboração de spots tanto para apoio cultural como de prevenção e um boletim saúde (*CD – fxs 4 e 5 – Spots apoio cultural*). A produção dos spots se deu de maneira transversal, com projetos elaborados em conjunto entre radialistas, usuários do CR e grupos de pessoas mais vulneráveis – Juventude, Masculinidade e LGBT.

O grupo da Juventude era formado por uma turma de 20 adolescentes com idade entre 14 a 20 anos de idade, que participava toda quarta-feira, no Centro de Referência, de discussões sobre prevenção e cultura urbana (hip hop, grafite, stikers, entre outros). A coordenação desse projeto era da psicóloga Ana Cristina Vangrelino e do Artista Plástico Almir da Silva Pinheiro. Esses jovens gravaram uma série de 8 spots, cujos textos e rimas foram improvisados durante os encontros (*CD – fxs 6, 7, 8, 9 – Spots DST/AIDS*).

Já o grupo que gravou o projeto de Masculinidade surgiu de uma iniciativa do Centro de Saúde do CEASA (Central de Abastecimento de Campinas). A equipe do Centro de Saúde queria inserir discussões sobre prevenção as DST/AIDS entre os caminhoneiros que prestavam serviço naquela instituição. Organizaram uma Feira da Saúde e um concurso para premiar a frase sobre prevenção mais original. O vencedor ganhou um MP4 e a frase foi colocada em camiseta, além de virar spot junto com outras 3 concorrentes. O motorista do PMDST/AIDS ficou tão empolgado que gravou de improviso uma delas. (*CD – fxs 10, 11, 12, 13 – Spots*).

O grupo LGBT era coordenado pelo sociólogo Tiago Duque e tinha uma forte adesão de 2 principais grupos de luta pelos direitos de Gays, Lésbicas e Travestis de Campinas: o Identidade e o e-jovem. Como o PMDST/AIDS era parceiro na organização da Parada do Orgulho LGBT, elaborou junto com os grupos os spots contra a homofobia da Parada de 2007. Os grupos realizaram apenas a construção dos textos e a gravação foi feita no Estúdio Ondas Mentais, no Centro de Convivência e Cooperação Tear das Artes, parceiro no projeto de Radionovelas. Experiência inusitada, esse projeto uniu dois públicos bastante diferentes, como o LGBT e os usuários do serviço de saúde mental (*CD – fxs 14, 15, 16 – Spots Parada*). Esses spots eram veiculados durante a Parada do Orgulho LGBT no carro de som do PMDST/AIDS.

Pensando-se nessas experiências como processos midiáticos pode-se dizer, segundo Luiz Beltrão (BELTRAO, 1980), que.

as manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente, tendo-se em conta que os usuários característicos recebem as mensagens de um intermediário em um dos múltiplos estágios de sua difusão (ORTRIWANO, 1998: 24).

Em contrapartida, os indivíduos dos grupos relacionados puderam estar mais perto de se empoderarem de discussões sobre saúde, qualidade de vida, direitos humanos ou cidadania, pois tiveram uma participação efetiva em todo processo construtivo: a concepção, a produção e o produto. Embora os agentes facilitadores dos projetos (equipe do NECS) não pudessem ser nomeados como militantes, é possível ainda aproximar essa experiência da citação de Luiz Santoro sobre o texto de Elias Condal (CONDAL, 1975: 148): “Não bastaria, assim, sair gravando programas sobre

problemas latentes, e mesmo importantes, pois isso representaria um programa sobre a comunidade, vista por um grupo “de fora”, com uma visão particular que nem sempre se ajusta exatamente a dos receptores” (SANTORO, 1981, 102).

Rádio Atitude – música, informação e prevenção

Com o fechamento das rádios parceiras e a impossibilidade de veiculação dos projetos surgiu a idéia da “Rádio Atitude” (*CD – fx 17 – abre Rádio Atitude*), que foi lançada na comemoração do “Dia 1 de Dezembro” de 2007 (Dia Internacional de Luta contra AIDS), em pleno calçadão da Rua 13 de Maio, maior centro comercial de Campinas. A rádio funcionou, ao vivo, das 9h às 17h. A locução e produção eram da radialista e jornalista Daniela Quevedo e os equipamentos usados foram: um notebook com o software livre Zara Rádio, dois microfones e duas caixas de som. A programação musical foi montada com a participação dos funcionários do Centro de Referência e apoio do DJ Fred Jorge, de Campinas. Durante o evento a Rádio transmitiu entrevistas com o Secretário de Saúde do município, com a coordenação do PMDST/AIDS, funcionários, usuários, participantes dos vários shows musicais e de dança apresentados pelos parceiros do PMDST/AIDS e população que transitava no local. O foco era sempre prevenção, mas haviam aqueles que queriam o microfone para dar recados a familiares, recitar poesias, ou mesmo fazer declaração de amor.

Final de 2007 e durante o ano de 2008 a Rádio Atitude percorreu bairros e Centros de Saúde do município, com a proposta de levar música, prevenção e dar voz à população, como pressupõe Arlindo Machado: “(...) dar a palavra a interlocutores “menores”, fazendo falar acentos locais e sotaques plebeus, em contraposição ao recitativo uniforme e padronizado das emissoras convencionais”. Por conseguinte essa experiência não tenha deixado de lado os profissionais técnicos da saúde, pode -se dizer que, seguindo as características das rádios livres, empenhou-se em encontrar soluções “(...) coletivas de enunciação que “atravessam”, como costuma dizer Guattari, as especializações, para reinventar um tipo novo de democracia direta, capaz de perfurar os modelos tradicionais de outorga e representação” (MACHADO, 1986: 32).

Um exemplo apropriado foi a veiculação da Rádio Atitude no evento da saúde da CEASA, em 2007. Além dos spots gravados com as frases dos caminhoneiros,

houve a veiculação de entrevistas com profissionais da saúde, com músicos que participaram da festa, gincana com caminhoneiros, que faziam perguntas sobre o contágio do HIV e a participação da população dos bairros próximos, que pediam músicas ou faziam perguntas para médicos e enfermeiros. Tudo ao vivo, com 9 horas de transmissão.

Outro exemplo significativo foi a realização da Rádio Atitude no Jardim Campo Belo para o lançamento da Campanha “Belas do Campo”. Esse bairro, na periferia de Campinas, possui várias casas de prostituição e o desafio era levar os profissionais do sexo daquela área a frequentarem o Centro de Saúde. Foi feito um grande projeto para conscientização dos profissionais da saúde, população e profissionais do sexo. No evento de inauguração da campanha, todos participaram juntos no Centro de Saúde, principalmente mães e crianças. No microfone da Rádio, meninas davam recados para os namorados, mães faziam perguntas para médicos, e mulheres questionavam o uso da camisinha. Meses depois, a Rádio estava no mesmo bairro comemorando o Dia Nacional do Profissional do Sexo. O local era o “Bar da Raquel”, travesti mais antiga daquela região. O evento reuniu profissionais do sexo e profissionais da saúde do Centro de Saúde do bairro. No ar, relatos de experiências, agradecimentos, música e poesia. Era possível ouvir as diferentes vozes pelos quarteirões do bairro.

Radionovelas

O projeto das Radionovelas começou em janeiro de 2007 quando a coordenação do Centro de Convivência e Cooperação Tear das Artes percebeu na necessidade de falar sobre prevenção as DST/AIDS com os usuários dos serviços de Saúde Mental que participavam daquele espaço. Já havia um grupo que realizava o programa de rádio “Ondas Mentais”, dirigido pelo músico e comunicador popular Gilvan Gomes. Eles transmitiam essa produção toda terça-feira às 14h, ao vivo, na Rádio Livre MUDA, da Unicamp. Interessados em montar uma radionovela, o grupo concordou em discutir prevenção. O PMDST/AIDS além de disponibilizar os facilitadores do projeto (Daniela Quevedo – direção de gravação e edição, Elci Rossiri Roveratto – direção de ator) também finalizou a construção do estúdio, batizado com o nome do programa de rádio: Ondas Mentais.

As reuniões aconteciam às terças-feiras, das 9h às 12h. A primeira radionovela, “Nas tramas da prevenção” (*CD – fx 18 – radionovela I*), foi montada com a participação de Carolina Helena Sombini, Coordenadora do Tear das Artes, Luciano Lira, locutor e usuário, Dona Maria do Carmo, mãe do Luciano, os usuários Éderson, Diego, Marta, Vandinéia e Michel. As gravações aconteciam após uma pequena discussão sobre o capítulo e eram feitas de improviso, sem texto ou roteiro, revelando situações decorrentes de experiências vivenciadas por cada um, bem como expressões e vocabulários de cada integrante. Como havia uma edição bastante apurada, a fala do grupo era deslocada para um lugar não identificado às categorias habituais de patologia ou grupo social. Era assim que o grupo ganhava voz, ouvia e era ouvido.

O lugar privilegiado para abordar as mediações tende a ser o cotidiano e o fato de deslocar o eixo das pesquisas para as mediações não significa desconsiderar a importância dos meios, mas evidenciar que o que passa na recepção é algo que diz respeito ao seu modo de vida, cuja lógica deriva de um universo cultural próprio, incrustado em uma memória e em um imaginário que são decorrentes de suas condições concretas de existência e não de preconceitos (ORTRIWANO, 1998: 23).

No segundo projeto intitulado “Mãe, acho que estou louco” (*CD – fx 29 – radionovela II*), as narrativas saíram do contexto de prevenção, deslocando o diálogo para o dia-a-dia das pessoas que vivem com transtorno mental. A primeira reunião foi coordenada pelas facilitadoras do PMDST/AIDS e contou com apenas 4 usuários, um deles pela primeira vez no grupo. Em um dos momentos esse usuário questionou qual era a especialidade das facilitadoras. Qual foi a surpresa em saber que não havia nenhum psicólogo ou profissional da saúde a frente do projeto. “Estamos sem médicos?”, questionou. Essa fala empoderou o grupo a seguir adiante com os relatos. No segundo encontro já haviam 9 pessoas e uma breve história contada pelo usuário Éderson sobre sua experiência com a esquizofrenia.

A base da radionovela foi a história relatada acima, mas cada um, conforme os capítulos iam sendo montados, acrescentava um pouco de suas histórias.

Gravada da mesma maneira que a anterior, ou seja, de improviso, essa nova temporada, como chamavam, foi para muitos uma maneira de dizer aquilo que sentiam de fato. O rádio serviria como filtro, não para a mensagem, mas para o pré-conceito, ou por que não dizer, para o diagnóstico já estabelecido na sociedade.

Depois dessa montagem mais um projeto foi desenvolvido, “Conto de fadas”. Vale reforçar que os temas eram escolhidos pelo grupo depois de alguns dias de conversa. Nesse último trabalho os participantes contaram suas versões sobre contos de fada conhecidos, como Pinóquio, Chapeuzinho Vermelho, Simbá, entre outras. Visto como uma experiência cultural, o rádio apresentou-se como “uma prática significativa, em que não é pensado como um canal através do qual se transmitem (...)” apenas “(...) conteúdos, mas com um espaço no qual diferentes atores desempenham diferentes papéis, produzindo um sentido em conjunto” (ORTRIWANO, 1998: 23).

Considerações finais

É oportuno dizer que a metodologia aplicada nas experiências acima citadas pode ser utilizada em qualquer área, não necessariamente a saúde, e que o radiojornalismo vem propondo, há tempos, realizações semelhantes onde o público participaria das produções. Entretanto, não se pode negar que a concepção dessas propostas basearam-se em conceitos e pressupostos próprios a certo campo conceitual e prático da saúde coletiva, nomeadamente produção de saúde, que extrapola a noção médico – biológica.

Levando isso em consideração é possível analisar que esses projetos reverteram em experiências significativas para os seus autores. Na prática cada qual pôde se transformar por meio dos debates, discussões, leituras e dinâmicas de grupo proporcionados pelos projetos. Isso é constatado por meio de depoimentos, engajamento dos próprios participantes, tempo de participação nos grupos, entre outros. Vale lembrar ainda que esse engajamento diz respeito não apenas a participação de cada membro, mas ao desempenho, à performance, desenvolvida frente às propostas apresentadas, onde a equipe do NECS funcionou apenas como facilitadora, não como norteadora dos trabalhos.

Mas até que ponto produções segmentadas como estas interessariam ao ouvinte comum das rádios?

Por outro lado, como seria possível dar voz ao ouvinte sem segmentar as produções?

Outra questão que se impõe a esta prática é distinguir radiojornalismo de rádio entretenimento, já que estes dois campos se misturam e quase se confundem na experiência.

Estas e outras perguntas suscitam análises aprofundadas que serão desenvolvidas futuramente em outras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HESS, R. & SAVOYE, A., *L'Analyse Institutionnelle, P.U.F. (Que saisje?)*, Número 1968, Paris, 1993 (2 e éd).

BARBIER, R. *Pesquisa-ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Zahar 1985.

LOURAU, R. *René Lourau na UERJ- 1993. Análise Institucional e Práticas de Pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1993.

LOURAU, R. *O que é Análise Institucional?* In: *Sociólogo em tempo inteiro*. Lisboa: Editorial Estampa, 1976:13-44.

LOURAU, R. *A Análise Institucional*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

LOURAU, R. *Objeto e método da Análise Institucional*. In: ALTOÉ S.(org.) René Lourau: Analista intitucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec. 2004. p. 66-86.

MOURA, A. H. *A psicoterapia institucional e o clube dos saberes*. São Paulo: Hucitec, 2003.

MACHADO, A.; MAGRI, C. & MASAGÃO, M.. *Rádios Livres: a reforma agrária no ar*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

ORTRIWANO, G. S.. *Rádio: interatividade entre rosas e espinhos*. In: Revista Novos Olhares. Ano 1. N° 2. São Paulo: ECA-USP, 2º semestre de 1998, pp.13-30

ORTRIWANO, G. S. *A Informação no rádio – Os Grupos de Poder e a Determinação dos Conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

SANTORO, L. F. *Rádios Livres: o uso popular da tecnologia*. IN *Revista Comunicação e Sociedade*. Ano III. Número 6. São Bernardo do Campo: Cortez Editora, setembro de 1981, p.p.97-103.

Entrevista

ZUZA, G. Elisabete. entrevista concedida por e-mail no dia 07/06/2010.